

Revista Espinhaço entrevista: Prof. Pedro Angelo Almeida Abreu (Reitor da UFVJM)

Apresentação Prof. Pedro Angelo Almeida Abreu é natural de Fortaleza (Ceará). Possui graduação em Geologia pela Universidade de Fortaleza (1978), mestrado em Geologia Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) e doutorado em Ciências Naturais pela Universidade de Freiburg-Alemanha (1993). Efetuou pós-doutorado na Universidade do Kansas (USA) de dezembro/1998 a janeiro/2000 abordando a província de Basin and Range do Sudoeste dos Estados Unidos. Foi professor do Departamento de Geologia do Instituto de Geociências da UFMG de abril de 1979 a 2002 e desde agosto de 2002 é professor titular da UFVJM. Ocupa desde 2007 o cargo de Reitor da UFVJM e tem liderado uma universidade em intensa transformação. No dia 24 de Outubro de 2012, quarta feira, o Prof. Pedro Angelo recebeu a equipe editorial da Revista Espinhaço para uma entrevista.

Editor: como se deu a sua aproximação com as geociências e, mais especificamente, com a Geologia?

Eu tive acesso às grandes superfícies no Sertão do Ceará a partir do contato, durante as férias, na fazenda dos meus avós. Andar naquelas áreas vastas formadas por diferentes tipos de rochas me despertou curiosidade: o que elas significavam? Por que elas estavam ali? Nessa ocasião não tinha nem o curso de geologia no Ceará e não existia nos currículos do ensino fundamental e médio abordagem de geologia. Isso aparecia de maneira muito superficial nas disciplinas de geografia. Esse contato com os ambientes naturais, de certa forma já com ação antrópica, sempre despertou minha curiosidade. A partir do contato com essa realidade, quando eu estava prestes a concluir o ensino médio, os cursos de geologia no Ceará foram implantados. Tive a vontade de ter uma formação específica nessa área do conhecimento, no contexto de um país do tamanho do Brasil, que era muito mal conhecido. Não que hoje se tenha um nível de conhecimento ideal, mas na ocasião, era muito mal conhecido. Surgiu o interesse de entender melhor o território brasileiro, especialmente do Nordeste brasileiro.

Editor: qual a sua principal área de interesse dentro da Geologia?

Desde a minha formação acadêmica no Ceará, sempre tive um interesse particular por geologia de campo e mapeamento geológico. Tenho trabalhado com grandes conjuntos e com o estabelecimento de relações e correlações entre as rochas das superfícies das áreas abordadas. O gosto pelo trabalho de campo me atraiu para o Centro de Geologia Eschwege, órgão que foi criado com a finalidade de trabalhar com geologia de campo e oferecer cursos de treinamento para estudantes das diversas escolas de geologia do país. Uma associação de fatos e coincidências

me permitiu num espaço de tempo relativamente pequeno ser contratado como professor colaborador da UFMG para assumir a docência de geologia de campo no Eschwege.

Dessa forma eu ingressei em uma área que eu sempre gostei. Em função das características da Serra do Espinhaço, eu me interessei, sobretudo, por sedimentologia, ambientes sedimentares de rochas pré-cambrianas e evolução de cadeias de montanhas do pré-cambriano. A região de Diamantina e a Serra do Espinhaço, em particular, é *sugeneris*. Claro, toda província geológica é *sugeneris*, pois não tem nenhuma ambiente geológico rigorosamente igual a outro. **A Serra do Espinhaço representa a maior superfície com exposição de afloramento em ambiente tropical no mundo. Não existe nenhum lugar no planeta em clima tropical com tanta exposição de rocha.** Todos os lugares que têm exposição de rocha igual ou maior que a Serra do Espinhaço estão em outros climas (frios ou temperados ou desérticos) ou constituem cadeias de montanhas tectonicamente ativas com processo de soerguimento e erosão contínuos, a exemplo dos Alpes, os Himalaias, as Montanhas Rochosas e os Andes.

Todos estes lugares estão em ambientes climáticos bem diferentes do nosso e só é possível realizar trabalhos de campo em períodos curtos do ano. Aqui, na Serra do Espinhaço, podemos realizar trabalhos de campo 365 dias por ano. O Prof. Reinhard Pflug percebeu isso e ficou deslumbrado, tendo, então, levantado recursos junto ao Governo Alemão para montar o Instituto Eschwege. Estamos numa região muito virtuosa, patrimônio da UNESCO, e não é por acaso que acolhe tantas áreas de preservação no alto da serra e no seu entorno.

Na verdade, quem trabalha com geologia de campo não pode deixar de lado certos aspectos. Quando a gente trabalha com mapeamento geológico abordando ambientes sedimentares antigos, o trabalho se assemelha à montagem de imenso e complexo quebra-cabeças, que vai sendo montado pelos vestígios deixados nas rochas, buscando

entender os estratos que foram deformados de forma que se possa reorganizá-los no contexto paleogeográfico onde foram depositados, o que, em última análise, representa entender a origem das rochas e o seu significado. O enfoque geral da minha pesquisa sempre foi este, e que permitiu também abordar especificamente a origem dos diamantes da Serra do Espinhaço.

Editor: o Senhor teve sua formação acadêmica ligada a universidades prestigiadas do Brasil e do Exterior. Fale sobre os desafios e as oportunidades que encontrou na sua trajetória como estudante.

A minha formação acadêmica se deu durante o regime militar. A universidade não tinha essa atmosfera liberal que a gente vive hoje. Não que fosse um ambiente que tivesse olheiros em toda parte, mas a universidade tinha um nível de vigilância em relação ao comportamento dos estudantes e dos professores. Nós não tínhamos uma atmosfera característica de qualquer universidade do mundo no regime democrático. **No entanto, isso fazia com que a comunidade tivesse um senso crítico apurado acerca do que fazia e em relação ao que nos era questionado.**

A universidade brasileira foi foco de uma ampliação significativa e vive um momento bem diferente daquela época. Isso pode ser constatado em termos qualitativos e quantitativos. A universidade brasileira está muito melhor estruturada. Os militares não prezaram por investir na universidade, ao contrário, eles consideravam o ambiente universitário como adversário, como oposicionista, então não faziam investimentos na sua ampliação e na estruturação do sistema.

Com o governo Lula, houve uma mudança no entendimento do que é uma universidade, considerando a necessidade de ela ocupar o seu próprio espaço. A universidade deve ser um local de oportunidade para a população receber uma qualificação profissional e, ao mesmo tempo, permitir que as classes sociais menos abastadas, numericamente dominantes no país, tenham acesso aos bancos escolares na perspectiva de uma mobilidade social positiva. Essa nova realidade representa mesmo um novo paradigma para o ensino superior do Brasil, promovendo uma transformação muito grande no país e dentro da própria universidade.

Editor: quais foram as pessoas mais importantes na sua formação acadêmica e profissional?

Quando a gente reflete sobre a própria história acadêmica no contexto de uma vivência de mais de 30 anos, **percebemos a importância não apenas das pessoas que nos auxiliaram, mas também, das pessoas que eventualmente você teve como adversários, fato corriqueiro na academia. Não me refiro aos opositores no sentido de gestão administrativa, mas no sentido intelectual, científico.** Todos os opositores foram importantes, porque isso faz você exercitar a Crítica e firmar posições a partir de uma análise crítica para a construção de uma linha de pensamento, de uma ideia ou de uma teoria.

No entanto, quando enumeramos as pessoas mais importantes que fizeram parte da nossa carreira,

normalmente não citamos os adversários. A gente lembra melhor das pessoas que ajudaram você a construir uma formação científica e cultural adequadas ao ambiente acadêmico. Para mim, essas pessoas foram, sem dúvidas, os meus orientadores, especialmente o Prof. Pflug, orientador do meu doutorado na Alemanha. Ele foi o idealizador e fundador do Eschwege. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro quando os cursos de geologia no Brasil foram criados pelo presidente Juscelino Kubitschek. O então presidente criou sete cursos e trouxe muitos estrangeiros para estruturar e lecionar nesses cursos, pois não tínhamos geólogos disponíveis no país.

O Prof. Pflug foi um desses profissionais que vieram da Alemanha e, na época, trabalhava na Espanha e já falava espanhol muito bem. Depois de quatro anos no Brasil ele retornou a Alemanha já como professor da Universidade de Heidelberg e, posteriormente, ele fez concurso para ser diretor do Instituto de Geociências da Universidade de Freiburg. Por ser um cargo vitalício, até se aposentar ele foi diretor desse instituto. Era uma pessoa que tinha uma formação diferenciada sobre diferentes aspectos: viveu o fim da segunda Guerra Mundial, passou por todas as agruras da Alemanha pós Guerra e conseguiu uma qualificação excepcional. Possuía uma mente brilhante e aqui na Serra do Espinhaço, com o suporte de orientandos brasileiros e alemães, ele conseguiu mapear uma superfície de 30.000 km², o que não é pouco, e fez muitas pesquisas na área de computação aplicada a geociências. Ele, sem dúvidas, é uma pessoa importante na minha formação porque além de orientador manteve contato comigo desde o início dos anos 1980 em trabalhos de cooperação científica aqui na região de Diamantina através do Centro de Geologia Eschwege.

Outra pessoa que merece destaque foi um ex-orientando do Prof. Pflug e que foi meu orientador de mestrado: o Prof. Hans Schorscher, que atualmente é professor da USP. Ele foi meu orientador no mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante a minha formação na graduação também tive contato com um professor francês Michel Arthaud, que tinha uma visão muito sólida da geologia com base em fundamentos da geologia alpina e da geologia dos Pirineus. Além disso, ele tinha uma visão cultural humana e abrangente.

Normalmente, quem frequenta universidades européias tem uma formação cultural muito ampla. A Europa é um continente com muitos países, diferentes culturas e idiomas, muito próximos um dos outros e isso faz com que as pessoas tenham uma visão cultural mais diversificada, diferente do que acontece no Brasil e nos Estados Unidos, países em que os limites territoriais então muito distantes e são dominados por um único idioma. Embora saibamos da diversidade cultural desses dois grandes países das Américas, não envolve essa intensa diversificação diversificação de povos que ocupam a Europa.

Editor: conte um pouco sobre sua experiência profissional antes da sua chegada a UFVJM.

Recém formado, eu vim fazer em Diamantina um trabalho de pesquisa científica na forma de estágio com o Diretor do Eschwege, que na época era o Prof. Walther Schöll. Depois de cerca de 5 meses de estágio fui trabalhar

numa mineração em Araçuaí. Com a reorganização do Centro de Geologia Eschwege, quando foi incorporado pela UFMG, fui convidado pelo Diretor Everaldo Gonçalves para integrar o corpo docente da UFMG junto a esse Centro, pois ele tinha tido contato comigo quando eu estava fazendo o estágio no então Instituto Eschwege. Portanto, entrei na UFMG muito cedo para trabalhar com docente, com apenas 23 anos de idade. Então toda minha formação acadêmica posterior à graduação foi feita dentro da UFMG. Com a greve no final de 1980, a carreira docente foi reestruturada e todos os professores colaboradores (meu caso) foram incorporados como efetivos.

Meu trabalho no Centro de Geologia Eschwege foi, sempre, muito interessante e dinâmico. Tínhamos contato com estudantes e professores de escolas de geologia do país inteiro que vinham participar de cursos geologia de campo condensados. Isso permite uma visão, inclusive da geologia, de diferentes pontos de vista, com base na experiência de pessoas de escolas diferentes. Além de permitir a convivência com a cultura regional do país trazida por essas pessoas, a geologia é vista também sob referenciais próprios, com marcos diferentes. As discussões sobre um mesmo objeto entre diferentes pessoas de diferentes grupos propiciam um olhar especial na concepção de uma idéia e no desenvolvimento de uma teoria.

Após terminar o meu mestrado no Rio de Janeiro, eu fui Diretor do Eschwege em várias ocasiões. Assim, comecei a ter experiência administrativa dentro desse órgão da UFMG. Embora seja apenas um Órgão Complementar do Instituto de Geociências, ele tem características próprias. Por estar a 300 km da sede, existe um nível de independência e autonomia muito grande. Desenvolvi um trabalho administrativo de grande complexidade diante da necessidade de se manter um aparato para estudantes e docentes dentro de um espaço específico e para viabilizar a realização de programas em período de tempo curto e definido e que não podiam ser estendidos ou prorrogados.

Residi quatro anos em Freiburg, na Alemanha, onde fiz o doutorado e retornei ao Brasil em 1993. Continuei o mesmo trabalho no Eschwege, ocupando o cargo de direção até dezembro de 1998, quando fui fazer Pós-Doutorado nos Estados Unidos.

É importante esse acesso a outras províncias geológicas. Como já mencionei, sempre trabalhei com geologia de campo, abordando grandes objetos e grandes volumes, grandes superfícies, e a estada na Europa me permitiu fazer trabalhos de campo em diferentes províncias geológicas.

Isso permite a gente ter uma visão mais integrada do sistema Terra ao longo da sua história e no contexto de questões que normalmente a gente vê como referência em livros didáticos. Esse foi, também, o motivo da minha ida aos Estados Unidos, especificamente para a Universidade do Kansas para estudar uma província muito conhecida e muito polêmica, ou seja, Basin and Range, que se localiza na parte Sudoeste dos Estados Unidos. Também efetuei estudos em províncias adjacentes: as Montanhas Rochosas. Desta forma tive a oportunidade de conhecer sistemas geológicos que não integram o portfólio de terrenos geológicos do território brasileiro, a exemplo dos sistemas glaciais ativos, presentes apenas em regiões de altas latitudes ou de elevadas altitudes. Isso facilita a

compreensão da Terra como um sistema integrado sob a análise de qualquer momento da história da evolução do planeta.

Editor: o que o senhor aprendeu no exterior que mais te marcou? Quais as principais coisas que o senhor tem buscado trazer para a UFVJM?

Um importante aprendizado que tive com as minhas experiências internacionais foi a desvinculação com o comportamento ou sentimento paternalista e corporativista. Os europeus e os próprios americanos têm uma compreensão clara da autonomia do ser humano e da sua capacidade realizadora, tendo em vista o potencial do indivíduo como parte de uma sociedade. Devemos construir o que é necessário, aquilo que nós acreditamos. Ninguém virá fazer por nós o que é nossa obrigação fazer. Se a gente quer construir uma universidade, temos que construí-la. Se quisermos construir um país, temos que construí-lo. Não virá americano, alemão, finlandês ou francês para fazer isso por nós. Se a gente quer construir uma sociedade democrática, uma sociedade justa, uma sociedade plural temos, nós mesmos, que fazer isso. O próprio indivíduo e o próprio grupo de pessoas que fazem parte de um instituto devem ser os protagonistas de suas realizações. Ter incorporado esse tipo de comportamento e uma visão realista do meio social foi o maior crescimento que eu tive como pessoa e cidadão.

Editor: fale um pouco sobre sua chegada à UFVJM e sobre o trabalho que tem desenvolvido como Reitor.

Eu saí da UFMG, uma universidade consolidada e referência nacional para ingressar em uma Instituição com apenas 8 cursos de graduação, dos quais 6 em implantação que motivaram a constituição das Faculdades Federais Integradas de Diamantina. Deixei um curso de geologia e vim para uma instituição que nem universidade era e nem tinha curso de geologia. Mas deve ser dito e firmado que **a universidade nunca está acabada, ela pode estar consolidada, mas não acabada. Sempre estará em construção.** Um dos motivos de ter aceitado ou buscado essa transferência foi o fato de eu ter toda uma estrutura pessoal e familiar em Diamantina. Ao mesmo tempo, tinha a região como objeto de pesquisa desde que eu ingressei na UFMG em 1979. Perdi o apoio da pós-graduação da UFMG e de todo um aparato que existia. Mas como eu conhecia muito bem a logística da região e de seus acessos aceitei o desafio. Não vislumbrava nem de longe o que aconteceu em seguida.

Logo que eu entrei aqui, em função da experiência que eu trazia da vida acadêmica e da própria vida administrativa, fui convidado pela Diretora Geral da FAFEID para assumir a Direção da Faculdade de Ciências Agrárias. Como eu sou geólogo, não me sentia confortável com isso, e tão pouco eu estava querendo exercer atividade administrativa. Mas a Profa. Mirelle Souza praticamente me exigiu isso. Disse que precisávamos consolidar as Faculdades da Saúde e das Agrárias. Por coincidência, surgiu também uma vaga de professor titular e foi feita uma chamada entre os docentes que já eram efetivos da casa. Eu tinha recém ingressado e a

própria professora Profa. Mirelle Souza pediu que eu apresentasse como candidato e dentre os inscritos fui selecionado para concorrer à vaga. Tinha que elaborar, apresentar e fazer a defesa de um memorial. Como eu tinha chegado a pouco tempo dos Estados Unidos, onde tinha reunido uma quantidade significativa de dados que ainda não haviam sido publicados, aceitei o desafio de montar e defender uma tese.

Eu passei a ser professor titular nessa ocasião e continuei como Diretor da Faculdade de Ciências Agrárias. A FAFEID foi transformada em Universidade, e nesse período de transformação existiu um movimento interno muito ativo e explícito por um re-direcionamento na forma de gestão da universidade.

Por esse histórico junto à FAFEID e também pelo histórico anterior na UFMG, meu nome foi de certa forma colocado como necessário para a disputa de assumir a reitoria. A então Reitora tinha sido nomeada *pró-tempore* e estava sofrendo um desgaste muito grande por questões diversas, sobretudo pela forma de gestão no contexto de uma instituição em implantação e com muitas precariedades. Não que hoje não tenham precariedades, mas na época eram muito mais. Dessa maneira entrei na disputa para assumir a reitoria e tive o acolhimento da comunidade. Assim, em agosto de 2007 eu assumi a reitoria da UFVJM.

Editor: quais foram os desafios que enfrentou como Reitor da UFVJM?

Por mais que a gente conheça uma academia, por mais que você tenha tido envolvimento direto ou indireto na administração, assumir o comando da própria academia significa ingressar em uma nova dimensão. Especificamente, a UFVJM tinha suas características e problemas próprios, que não eram pequenos e não são pequenos atualmente. Tínhamos uma universidade recém criada a partir da FAFEID, com a implantação de mais dez cursos e com a criação do novo Campus lá em Teófilo Otoni. A universidade não estava minimamente estruturada e assumimos o desafio da implantação do Reuni. Como esta discussão não tinha sido levantada anteriormente pela ex-reitoria, tivemos quatro meses para discutir, elaborar e apresentar um plano ao Ministério da Educação.

A Universidade cresceu mais de 50% e foram criados, nessa ocasião, mais 14 cursos numa instituição pouco estruturada e com carências de todos os tipos (administrativos, físicos e no ambiente acadêmico). No que diz respeito a assegurar a qualidade do ensino, o desafio era muito grande. Em muito pouco tempo, a UFVJM passou a ter 24 cursos, a maioria em processo de implantação e amadurecimento. Esse foi um grande desafio não apenas para o Reitor, mas para toda a equipe. Do ponto de vista da gestão da nova Universidade, toda a equipe era inexperiente, incluindo o Reitor, pois mesmo eu tendo passado quase 30 anos na academia eu nunca tinha sido Reitor antes, e nem pró-reitor. Montar e amadurecer uma equipe no processo de implantação e consolidação de uma universidade, e não mais uma instituição isolada, foi bem desafiador. Podemos dizer que a empreitada foi bem sucedida pelo que se tem a apresentar hoje. Não estou fazendo elegia da minha gestão, não tenho esse tipo de

vaidade, pois o que eu faço é uma obrigação, ninguém me obrigou a assumir a reitoria, então tudo que eu faço bem feito é obrigação e o que deixamos de fazer bem feito deve ser assumido como erro e, portanto, corrigido.

O maior sucesso eu atribuo à boa vontade do ministério da educação, à boa vontade do governo federal em estruturar as universidades e em encarar o ensino público superior do país sob uma nova dimensão quantitativa e qualitativa. Isso está sendo feito desde 2003 quando o presidente Lula assumiu o governo. Isso é inegável. Nenhum partido de oposição pode negar isso. Mas qualquer cidadão honesto, qualquer cidadão de princípios que faça uma análise em cima do que foi feito e do que está sendo feito pelo ensino superior no Brasil tem que reverenciar os governos dos presidentes Lula e Dilma.

Editor: o que será da UFVJM no médio e no longo prazo? Quais são as perspectivas e projetos em andamento?

Com eu já disse, as pessoas são autônomas e elas têm que construir aquilo que almejam, aquilo que querem. A UFVJM vai ser o que ela quer ser. Depende dos três segmentos de sua comunidade acadêmica. Os estudantes têm uma influência fortíssima no grau de exigência. Ninguém pode criticar estudante por estar sendo crítico ou por estar exigindo o que lhe é direito e te o que supõem como direito. Muitas vezes eles exageram, distorcem um pouco a realidade, mas é pelo fato de uma visão que ainda não é qualificada em um sentido mais amplo, mas que faz parte da experiência fundamental na construção de uma formação acadêmica cidadã.

Os docentes e os gestores da universidade, em todo o seu espectro, desde a reitoria até o nível de curso, de departamento, são absolutamente essenciais e indispensáveis para a universidade. Não é por acaso que dentro de uma universidade você tenha, em qualquer universidade do Brasil ou do exterior, nichos de excelência. Um nicho de excelência é construído por um grupo que apostou nisso, arregaçou as mangas, trabalhou com projeto audacioso, com ideia e metas, visando fundamentalmente um crescimento na direção daquilo que almejam.

O papel do Reitor é importante para a construção institucional, mas tem muito a ver com o que a comunidade lhe exige para a construção da universidade. Reitor não cria pós-graduação: trata-se de um projeto de grupo. A reitoria tem por obrigação, através das suas pró-reitorias, buscar apoio político, operacional e financeiro para viabilizar programas de pós-graduação ou de qualquer programa de interesse da universidade. Quando nós assumimos a reitoria em 2007, a nossa UFVJM tinha um único curso de mestrado. Hoje temos 14 cursos. O Reitor não criou nenhum curso, apenas deu apoio. Quem criou foram grupos que entendem a pós-graduação como essencial ou indispensável para uma universidade, um local onde se gera conhecimento e se faz ciência.

Não existe nenhum pesquisador que tenha construído a carreira acadêmica sozinho, por mais genial que seja, isso serve inclusive para o Einstein, serve para o Linus Pauling. Eles tiveram a sua genialidade, e a genialidade chegou ao seu ápice a partir de um trabalho conjunto, um trabalho com um

grupo e com uma instituição que deu o suporte necessário para que eles alcancem o sucesso acadêmico e científico.

Na UFVJM não é diferente. Eu aposto que vamos ter bons resultados com os nichos de excelência que estão sendo construídos aqui dentro. Pode ser um, dois, dez ou vinte. Depende exatamente dos grupos existentes e em formação. Ao falar de excelência não me refiro apenas a produção de patentes ou de inovações com repercussões econômicas, mas também na qualificação de pessoas que sejam pensadores, críticos, que contribuam para o pensamento humano.

Para você ter ideia, a Universidade de Freiburg produziu vários prêmios Nobel, e vários deles são na área de ciências humanas. São pessoas que exercem um papel fundamental no crescimento da sociedade com um pensamento crítico, com a organização intelectual, socioeconômica e política.

Na semana passada, morreu um dos grandes gênios da história: Eric Hobsbawm. Era um marxista e foi reconhecido por todas as tendências políticas (direita, centro e esquerda) por ser uma pessoa genial que deu a sua contribuição para a análise da história política e econômica do mundo. Esteve numa universidade pequena até morrer. Nunca foi de Cambridge, ou de outra grande universidade. Por causa do pensamento dele, ele não era bem aceito em muitas universidades.

Existem universidades americanas de excelência em lugares que não se imagina. A Universidade do Arizona tem excelência em certas áreas das geociências. Isso você só encontra lá. Essa descentralização é um outro grande avanço que o Brasil está tendo: a interiorização do ensino superior e a implantação de sistemas de pesquisa no interior. A Universidade do Kansas, onde eu fiz o pós-doutorado, está numa cidade de 90 mil habitantes e 40 mil pessoas da cidade estão envolvidas com a universidade (estudantes, funcionários e professores) ou são dependentes do serviço da universidade. A Universidade de Freiburg está numa cidade de 250 mil habitantes e, como eu disse, já produziu vários prêmios Nobel.

Isso é que devemos buscar. **Temos que trabalhar para que a UFVJM em futuro próximo seja uma Universidade de excelência. Afinal de contas, a UFVJM é uma Universidade pequena ou está no interior!** Tamanho não significa qualidade. Qualidade significa o que você é capaz de fazer e de produzir em qualquer área do conhecimento. Nós temos um grande potencial. Como Reitor, em qualquer ambiente que eu chego, defendo que a UFVJM tem que merecer a mesma atenção que a UFRJ, a UFMG, a Federal do Rio Grande do Sul, a Federal do Ceará e a UNB. Se nós vamos ser melhores em uma área ou outra, isso cabe a nós construirmos.

Estamos apostando em parques tecnológicos, buscando que ele atenda e produza o mesmo que se tem pensado para o parque tecnológico da UFMG. Se for ter diferença, nos temos que ter diferença pra melhor, não pra pior. Mas isso depende de nós, e não do Reitor. Depende da coletividade e da comunidade acadêmica. Nós temos autonomia para isso.

Editor: o que já existe de concreto para os próximos anos na UFVJM? Fale sobre as coisas que estão no papel e ainda não estamos vendo no Campus.

Existe um projeto para que a UFVJM tenha investimentos na área da aeronáutica. Não é por acaso que o terreno que nós recebemos está ao lado do Aeroporto. Aeroporto que, provavelmente, nós vamos ser co-gestores. Mas não significa que vamos atuar apenas nisso. Podemos atuar na área de desenvolvimento de software ou hardware. Isso depende da competência dos nossos grupos. Não existem fronteiras para o crescimento em qualquer área. Podemos trabalhar na criação e aperfeiçoamento de materiais aplicados a área médica, materiais ortodônticos, para a fisioterapia, na área de fármacos. Quando se fala em parque tecnológico, está se falando de tecnologia. Deve ser um ambiente de fomento a incubadoras. Você incuba empresas que nasceram dentro da universidade ou não, trazendo todas as competências e incentivos possíveis para ela crescer e se tornar autônoma. Deve se tornar uma empresa que saia do parque tecnológico e que produza alguma coisa, em algum lugar ou no próprio lugar. Necessariamente você não encuba uma empresa para Diamantina, ela pode ser uma empresa em Belo Horizonte, ou em Joinville, não interessa pra onde ela vá. Essa é a função do parque tecnológico.

Editor: o que existe de recurso e de estrutura?

Nós temos um projeto, um Plano Diretor em finalização e partir desse planejamento, temos um diálogo aberto com o Governo Federal, que colocou nos projetos plurianuais do país, um investimento em Minas Gerais em parques tecnológicos ligados a universidades federais da ordem de 500 milhões de reais. Nós esperamos que uma parcela deste investimento seja liberada para nós já no próximo ano (10 a 15 milhões) para a gente começar a tornar o parque tecnológico uma realidade.

Editor: existe previsão de contratação de pessoal para dar suporte a este parque?

O parque caminha, ele cresce na medida do que está sendo implantado. O corpo dos servidores da universidade mesmo é muito pequeno. Se a gente fizer um projeto grande, por exemplo, com uma Petrobrás, o financiamento deve ter uma aplicação na contratação de servidores para um projeto que tem de ser feito dentro daquilo que se propõe.

O parque tecnológico é um ambiente onde se estabelece muitas parcerias, não só no mundo acadêmico, mas também no mundo corporativo, no mundo empresarial. A ideia é que o parque tecnológico seja esse ambiente criativo, um ambiente virtuoso em que qualquer ideia, qualquer projeto que seja bem concebido e que estabeleça metas viáveis consiga ter sua implantação viabilizada. Sem qualquer preconceito dessas questões de academia. O mundo corporativo é indispensável. O mundo empresarial é absolutamente necessário para o conforto da sociedade, para a sustentação socioeconômica de uma sociedade. Mas temos que estabelecer limites: as atividades exclusivas do mundo acadêmico não podem receber interferência.

Editor: o que vai ser do Campus I no centro da cidade?

A cidade de Diamantina pela virtuosidade de sua arquitetura paga um preço caro por isso. Ela tem restrições severas de intervenção no seu patrimônio físico, nas suas edificações. Um dos motivos de ter sido criado o Campus JK foi esse. Poderíamos imaginar uma universidade verticalizada, imaginar que no Campus I se construísse um edifício de 10 ou 15 andares como está sendo feito na Federal do ABC. Não estou defendendo isso, apenas estou dizendo que seria uma possibilidade, pois o terreno tem dimensão para isso. No entanto, a característica da cidade não permite isso. O IPHAN não permitiria isso. Temos que buscar um lugar que não interfira nessas questões do patrimônio histórico. Isso por si só já limita bastante a possibilidade de uso daquele espaço. Você tem que usar o espaço com aqueles volumes. Não podemos alterar volumes. Por outro lado o Campus I está em uma região privilegiada da cidade, bem central e com acesso fácil aos pontos nobres de Diamantina. Naturalmente, a ideia é que seja um centro de convenções, como está sendo proposto. Um centro de convenções da UFVJM e da cidade. A cidade de Diamantina tem características peculiares para ser uma cidade de eventos de médio porte. De grande porte não, porque exigiria uma estrutura hoteleira que ela não tem e não tem perspectiva de ter em função dessas características físicas da cidade. Ter um centro de convenções na área central de uma cidade como Diamantina seria um privilégio, uma virtude, e a universidade ganhará muito com isso, não apenas pela oportunidade de protagonizar os seus próprios eventos, mas por ser referência em eventos que podem ser protagonizados e coordenados por outras instituições e por outros grupos.

Editor: isso está no plano das ideias ou já está em andamento?

Não, existe um pré-projeto para isso. Quando eu falo num centro de convenções estou me referindo a um centro de convenções moderno, que tenha todo um aparato, com salas de cinema e com um centro comercial de apoio. Na parte alta do Campus já existe um pré-projeto para ser montado dois museus: um museu de ciências naturais que tem tudo a ver, não só com a universidade, com a academia, mas com a região, diante do grande apelo arqueológico, paleontológico e geológico de Diamantina. Também temos um pré-projeto para a criação do parque da ciência, que seria um museu a céu aberto, como já existe na Universidade Federal de Pernambuco e em outros locais. Tudo isso comporia um sistema integrado, que envolveria não apenas os congressistas, mas também, a cidade como um ente vivo, atuando e participando das ações da universidade.

Editor: fale um pouco sobre a expansão da UFVJM dentro da perspectiva multi-campi.

Nós estamos implantando dois Campi, um em Janaúba e outro em Unaí. Existe no nosso PDI, aprovado no final do ano passado, a disposição da universidade de implantar mais quatro Campi nas cidades de Almenara, Araçuaí, Capelinha e Nanuque. Isso depende, é claro, do

investimento do Governo Federal, que não é pequeno. O país, como consequência do que está ocorrendo no mundo, passa por uma crise e atravessa algumas restrições econômicas. Mas a perspectiva do atual governo é a ampliação continuada. Como foi dito pelas pessoas desse governo: para chegar ao tamanho do Brasil, nós precisamos ter uma universidade do tamanho do Brasil e não do tamanho, sem nenhum demérito, do Paraguai, da Bolívia ou da Venezuela. Tem que ser do tamanho do Brasil, ocupando todo seu território e acolhendo uma boa parcela de sua população para ter uma formação profissional e acadêmica qualificada.

Editor: temos a perspectiva da criação de novos cursos em Diamantina?

O curso de medicina está em implantação em Diamantina e Teófilo Otoni. Cada um desses cursos deverá ter 360 alunos quando maduros. Um curso de medicina tem suas especificidades. O profissional médico, quando termina o curso, está autorizado a trabalhar diretamente os seres humanos. Isso exige um curso mais longo do que os demais, uma estrutura física, uma estrutura laboratorial muito grande e cara, além de um apoio operacional da mesma dimensão. Esse apoio envolve hospitais, estruturas de atendimento a saúde fora da universidade. Uma dimensão diferente do que normalmente estão envolvidos os outros cursos.

Na época do REUNI eu fui muito pressionado para implantar um curso de geologia na UFVJM. Na ocasião, não havia tempo para discutir isso de forma mais qualificada. Tivemos pouco tempo. Na ocasião, implantamos as Engenharias aqui e em Teófilo Otoni e criamos cursos nas áreas das Ciências Humanas. A visão crítica das Ciências Humanas é essencial em uma universidade. Até hoje sou muito questionado sobre a possibilidade de um curso de geologia aqui, o que seria muito bom. Não falo isso como geólogo, mas como acadêmico e gestor.

Editor: o que seria o Núcleo de Geociências (NUGEO)? Qual a importância desse núcleo para a comunidade científica?

O NUGEO será de grande importância para a consolidação da UFVJM como pólo de referência de Geociências e Geografia, quem sabe até vislumbrando um nicho de excelência no futuro. O NUGEO surgiu por acaso. Como a nossa universidade não tem curso de Geologia, embora tenha quatro geólogos na casa, afora os geógrafos e outras pessoas que atuam na área de Geociências, estes profissionais estão inseridos em diferentes cursos. Não existe estrutura nas diversas unidades, por motivos diversos, voltada para lecionar as disciplinas da área (laboratório de paleontologia, petrografia, geoprocessamento, fotogrametria, entre outros). Eu sou um desses professores. Eu lecionava em dois laboratórios que estavam longe de seu ideal naquela finalidade. Eu organizei todo o laboratório de fotogrametria e apoiei a implantação do laboratório de Geoprocessamento. As demandas começaram a chegar e não foi colocado um espaço adequado para isso. Está sendo criado um local

específico aonde tenha esses laboratórios, onde todas as competências das geociências poderão trabalhar, para se tornar inclusive, um nicho de excelência. O NUGEO está ligado ao Centro de Inovação Tecnológica, pois além de atender a graduação como um propósito básico preliminar, ele deve ser um ambiente de pesquisa, sendo um ambiente comum para a elaboração de projetos cooperativos.

Editor: gostaria de agradecer a entrevista em nome de toda a equipe da Revista Espinhaço. Muito Obrigado. Quais as suas considerações finais para o encerramento da entrevista?

Gostaria de falar sobre a iniciativa de criar a Revista Espinhaço, um canal de comunicação que promoverá a interação da comunidade científica, sobretudo das Geociências e da Geografia. Ao mesmo tempo, também terá utilidade para a população geral. Isso deve ser elogiado, deve ser reconhecido pela Reitoria, pela Universidade e por toda a comunidade acadêmica e pela comunidade externa. Eu quero parabenizar a todos que tiveram a iniciativa e que estão levando esse projeto adiante. Como eu mencionei anteriormente, essas atitudes é que devem fazer parte da academia. Se a gente quer ser uma universidade grande, no sentido da qualidade e não da sua dimensão, temos que ter esse comportamento. Devemos ter iniciativa e protagonizar aquilo que é necessário para uma determinada função. Então, é imprescindível que a universidade divulgue o que ela faz, aproximando a sociedade ou aproximando os grupos. As revistas têm essa finalidade. Em Teófilo Otoni, eles conseguiram montar a Revista VOZES, que é muito importante. Hoje, qualquer notícia, qualquer criação que se faça, quando transformamos isso numa tese, numa teoria, num documento, ele pode estar no Japão ou na Austrália e ser divulgado para o mundo inteiro em ambiente eletrônico em poucos minutos. Isso era uma coisa inimaginável quando eu entrei na universidade. Tudo era analógico, feito no papel. A gente escrevia tese a mão depois datilografava numa máquina. Assim, é muito bom poder trabalhar com as revistas no ambiente eletrônico. Embora tenha sido criado o tablete, além de outras tecnologias, em algumas ocasiões, prefiro ler em papel. É muito bom e muito mais confortável.